



# XIV ANPED-CO

## XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3534 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)  
GT 20 - Psicologia da Educação

**NOSSAS MÚSICAS, NOSSAS HISTÓRIAS: A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS DIALÓGICOS COM ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CUIABÁ/MT**  
Guilherme Tomas de Santana Junior - UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso

Este trabalho apresenta uma proposta de intervenção no contexto de uma escola pública da rede estadual da cidade de Cuiabá/MT, realizada como parte do Estágio Supervisionado Específico. Por meio de encontros semanais foram trabalhados diversos temas, que possibilitaram a reflexão sobre o processo de significação, atribuição de sentido e apropriação do espaço escolar pelos estudantes do 8º ano do ensino fundamental. A proposta foi executada por meio de 6 encontros semanais com duração em média de 2 horas, tendo como público alvo os estudantes do 8º ano. Os encontros buscaram aliar a música com as temáticas de discussão acerca da sexualidade, diferenças, preconceitos, apropriação do percurso escolar, desenvolvimento do corpo, amizades, relacionamentos, medos, comportamentos na escola e fora dela. Durante os encontros, foi possível perceber a falta de acesso dos estudantes a espaços democráticos em que todos têm voz e vez garantidas. Uma vez que os alunos demonstraram euforia e prazer em participar de atividades em que poderiam falar, ouvir, e ser ouvidos. Porém, em alguns momentos, apresentaram dificuldades para respeitar o coletivo, o que pode revelar a pouca experiência com este tipo de atividade.

**Palavras-chave:** Psicologia escolar; Adolescência; Apropriação do espaço escolar.

### INTRODUÇÃO

A inserção supervisionada dos acadêmicos em contextos sócio-educativos proporciona a construção de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias às ações profissionais. Diante disso, durante o Estágio Supervisionado Específico - Intervenções em Processos Socioeducativos, desenvolvemos uma proposta de intervenção no contexto de uma escola pública da rede estadual da cidade de Cuiabá/MT, por meio de encontros semanais em que foram trabalhados diversos temas, de forma a possibilitar a reflexão sobre o processo de significação, atribuição de sentido e apropriação do espaço escolar pelos estudantes do 8º ano B.

Diante das queixas apresentadas pela coordenação pedagógica e também pelos professores da instituição, em que relatam esta sala como problemática, este trabalho buscou proporcionar juntamente com os estudantes do 8º ano B, espaços de diálogo que contribuam para apropriação do espaço escolar.

O projeto surgiu após contato com os estudantes do 8º ano B sobre o que gostariam de fazer em um projeto, em que a maioria da sala trouxe que gostaria de trabalhar com músicas. Desta forma buscaram aliar a música com as temáticas discutidas, tendo em vista que entendemos que a música assim como o jeito de vestir e de falar, por vezes pode falar de nós, evidenciando nossa particularidade.

### REFERENCIAL TEÓRICO

Embasados numa perspectiva crítica em Psicologia e na teoria histórico-cultural, buscamos compreender que mesmo estando garantida a matrícula na escola, as condições de permanência e aprendizagem não estão garantidas. De acordo Patto (1997) há um descaso do estado com a efetivação de uma educação de qualidade para alunos de classes populares, e refere-se a uma escola

brasileira destruída pelo desinteresse secular do Estado brasileiro em oferecer de fato um ensino de qualidade.

No que se refere à aprendizagem escolar, Asbahr e Souza (2014, p.173) pontuam que quando as ações não produzem aprendizagem, pode-se dizer que, poucas mudanças consistem no que tange “à transformação de seu pensamento e constituição de neofomações psicológicas”.

Já quando não se consegue precisar uma relação consciente entre as ações e o motivo socialmente estabelecido, tal tarefa não leva a aprendizagem, tornando assim, ações esvaziadas de sentido, transformadas em operações automáticas (LEONTIEV 1974/1983, apud ASBAHR e SOUZA, 2014). Quando as ações se tornam esvaziadas de sentido, quer dizer que, houve uma interrupção:

“Entre o significado social da atividade de estudo e o sentido que se constitui, o que dificulta ou impede que novos significados sejam aprendidos, condizentes com a possibilidade de humanização presente na atividade de estudo, e que novos sentidos constituam-se, conforme apontado por Leontiev (1974/1983) em seus estudos sobre atividade e consciência”. (LEONTIEV 1974/1983, apud ASBAHR; SOUZA, 2014, p. 175).

Segundo Namura (2004, p. 91), Vigotsky formula o conceito de “sentido” a fim de ressaltar aquilo que é especificamente humano no homem, ou seja, sua “capacidade de criação e autoprodução nos seus modos e condições de existência”. O sentido seria inatingível; o que conseguimos é nos aproximar de uma zona de sentido. Já sobre o significado, podemos afirmar que nele, temos um discurso marcado por categorias, que desencadeiam um raciocínio coerente. O sentido, por sua vez, fica em um campo difuso que, quando se cristaliza, torna-se um significado.

Podemos destacar ainda Checchia (2010), que promove uma articulação dos trabalhos realizados acerca do tema adolescência e escolarização. Sendo seu objetivo principal investigar a versão dos jovens alunos de classes populares sobre a experiência escolar na adolescência. Tendo em vista que estamos trabalhando com estudantes que vivenciam este período. Os psicólogos que priorizam uma concepção social e histórica questionam concepções hegemônicas. Enfatiza a necessidade de superar concepções naturalizantes da adolescência como conflituosa, turbulenta, típica e inevitavelmente difícil. E propõe intensificar estudos que situam o tema a partir de sua dimensão social e histórica:

Considerar a construção social e histórica da adolescência implica atentar para o fato de que esse fenômeno foi instituído pelo homem como uma categoria social na modernidade, de modo que se situe seu “nascimento” no contexto de extensão do isolamento de crianças e adolescentes na escola e na família, especificamente no século XVIII, consolidando-se efetivamente a partir do século XX. (Checchia, 2010, p.120).

Podemos notar que diferente da naturalização da adolescência, são apontados outros aspectos referentes a transformações da modernidade que culminam na consolidação da adolescência e/ou juventude como um grupo social, tais como prolongamento da formação escolar e o adiamento da inserção no mercado de trabalho.

Checchia (2010) pontua em sua pesquisa sobre a necessidade de se aprofundar o estudo sobre juventude ou adolescência e escolarização, sem que haja abstração com a condição de alunos e adolescentes. E ressalva que é preciso se atentar para uma adolescência plural constituída por particularidades, com condutas e significações variantes de acordo com a classe social, raça, gênero, e contexto sócio histórico no qual o jovem está inserido.

## **EXECUTANDO A PROPOSTA**

A partir desta discussão, a proposta de intervenção foi executada por meio de 5 encontros semanais com duração em média de 2 horas, tendo como público alvo os estudantes do 8º ano B. Os encontros possibilitaram a discussão acerca da sexualidade, diferenças, preconceitos, apropriação do percurso escolar, desenvolvimento do corpo, amizades, relacionamentos, medos, comportamentos na escola e fora dela. Os encontros foram realizados por meio de: Rodas de conversa; Dinâmicas; Músicas e Vídeos.

No primeiro encontro propusemos roda de conversa, e para isso dispomos as cadeiras em círculo. Conversamos com os estudantes sobre o motivo de nossa escolha em realizar o estágio naquela turma. Falamos da queixa apresentada pelos professores e pela coordenação da escola, questionando sobre como pensam a respeito e como veem o problema. Todos concordaram com a queixa apresentada e enfatizaram o tempo todo que a turma é a pior da escola. Perguntamos como é esta sala? As respostas foram: Pior da escola, horrível, uma merda, sem educação. Perguntamos se isso era bom em algum momento. Responderam que não era bom em nenhum momento. Questionamos

em que momento era ruim, responderam que o tempo todo era ruim, pois são prejudicados por não aprenderem. Passamos para a organização dos encontros e explicamos sobre nossos objetivos. E perguntamos como seria este espaço para eles. Vai ser democrático? Todos se escutam? Qual metodologia utilizar para organizar e garantir a fala de todos? O acordo foi de que seria democrático e aqueles que desejam fazer a fala deveriam levantar a mão e aguardar sua vez. Organizamos juntos a nossa agenda, definindo os dias em que seriam os encontros. Ao final, explicamos que a sala demonstrou gostar muito de músicas, tendo vários estudantes que tocam instrumentos musicais, dançam e cantam. E por isso, sugerimos que cada encontro trouxesse uma música. E neste primeiro, ouvimos a música “Infinito particular” interpretada por Marisa Monte.

No segundo encontro realizamos a dinâmica de apresentação: Teia de envolvimento. Consistiu em uma pessoa pegar o rolo de barbante, amarrar a ponta em seu dedo indicador e fazer sua apresentação pessoal, dizendo seu nome, sua idade, e o que gosta de fazer. Depois escolhe um participante e joga com cuidado o rolo de barbante para que este o pegue. Já com o rolo de barbante na mão a outra pessoa enrola o barbante em seu dedo indicador e da mesma maneira faz uma apresentação pessoal. Feita a apresentação esta pessoa deverá manter o barbante preso em seu dedo indicador e arremessar o rolo para outra pessoa. O jogo prosseguirá nessa dinâmica, até que a última pessoa faça a sua apresentação. Assim que todos tenham se apresentado, o facilitador pede que todos olhem a teia que foi formada com o barbante e pede para que analisem para ver se encontram alguma forma geométrica ou desenho que lembre alguma coisa. Durante a atividade se mostraram participativos e falaram do que gostam de fazer, descobrimos que maioria dos estudantes tem idade entre 14 e 15 anos, gostam de músicas, televisão, internet, redes sociais e esportes. Feitas as apresentações, colocamos a música “Me revelar” interpretada por Zélia Duncan. Após a música, finalizamos o encontro combinando como seria o próximo. E propomos que cada um trouxesse uma música com que se identifica ou goste mais para ser ouvida e apresentada para os demais colegas.

No terceiro encontro, a proposta foi conhecer um pouco melhor cada estudante. Para isto, a proposta é que cada um traga uma música para que juntos possamos ouvir o que cada uma e cada um gostam, e após a escuta, apresente o nome da música, quem canta e o motivo pelo qual escolheu. Pois entendemos que a música, assim como o jeito de vestir e de falar, por vezes pode falar de nós, evidenciando nossa particularidade. Durante o encontro, os estudantes se mostraram participativos. E traziam varias músicas, sendo a grande maioria Funk e alguns Raps. O primeiro estudante que prontamente se manifestou foi Mateus Silva que trouxe a música “5 mentes bem pensantes” interpretada por MC Davi e MC Pedrinho. Depois seguiram os mais diversos funks, raps, sertanejos. Quando a música era conhecida pela maioria da turma, cantavam, e alguns dançavam, ou se mexiam na cadeira em consonância com a música. Ao final da atividade aconteceu o descumprimento do combinado de garantir que o espaço seria democrático, onde não foram respeitadas a voz e vez dos colegas.

Em nosso quarto encontro, retomamos a conversa de como seria o espaço, pois o combinado não havia sido cumprido. Após a conversa, trouxemos imagens de várias pessoas se agredindo e projetamos na sala de multimeios didáticos. Questionamos o que viam nas imagens, o que achavam, o que as pessoas estavam sentindo naquele momento. Após distribuimos trechos das reportagens entre os estudantes para que lessem e entendessem de que se tratavam as cenas. Algumas imagens causaram comoção, como por exemplo, em uma cena em que uma idosa é agredida. Disseram que deveriam agredir a agressora da senhora. Que era um absurdo agredir alguém nessa idade. De modo geral, responderam que as pessoas sentiam raiva, e quando questionados sobre o que fazemos quando estamos com raiva, as respostas eram: bater, agredir, se cortar. Então passamos a questionar se havia outra forma de resolver as situações demonstradas nas imagens, o que fazer de diferente quando estiver com raiva. Ao fim, ouvimos a música “É preciso saber viver” interpretada pela banda Titãs.

Em nosso quinto encontro, o último temático, a proposta consistiu em dividir a turma em grupos e distribuir papel pardo e pincéis atômicos para que realizem um desenho do corpo humano. Questionamos se o corpo está crescendo, se modificando e se isso acarreta problemas. Perguntamos se há características diferentes uns dos outros e se respeitamos as diferenças. Os estudantes realizaram quatro desenhos, dois meninos, uma menina e em um deles desenharam um pênis. Passamos então a nomear o pênis com outras palavras que conhecem e utilizam. E fizemos o mesmo no corpo feminino. Questionamos o que cada desenho estava pensando, o que pensavam um do outro. Perguntamos quando o sexo é bom e quando é ruim, responderam que é bom, mas o ruim é gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. Passamos a falar sobre a prevenção e também sobre o cuidado

com o corpo. A música apresentada neste momento é “Amor e sexo” interpretada por Rita Lee.

No sexto e último encontro realizamos a devolutiva em que conversamos com os estudantes, sobre como foi a realização do projeto para eles, as percepções dos estagiários sobre os encontros realizados e também sobre a queixa escolar apresentada. Iniciamos propondo novamente que colocássemos as cadeiras em círculo, após a organização do espaço explicamos sobre o objetivo do último encontro que consistia em avaliar o que fizemos, pontuando os aspectos que consideramos relevantes. Perguntamos como foi o projeto para aquela sala, todos respondem que foi bom. Perguntamos então o que foi bom, disseram que o fato de fazer coisas diferentes, trazer suas músicas e poder sair das aulas chatas. Então perguntamos o que foi ruim, pontuaram que a bagunça e às vezes em não deixavam que todos falassem. Passamos a dizer nossas percepções lembrando a queixa que fora apresentada, dissemos o quanto eles fazem a valer o título que lhe são atribuídos por muitos professores e pela coordenação, revelando o quanto eles se apropriaram dessa titulação. Pontuamos também a respeito da ausência dos espaços democráticos na escola, e o quanto eles não sabem lidar com estas situações novas. Enfatizamos sobre a importância de se fazerem ouvidos neste espaço que é deles, lembramos também que se houvesse um grêmio estudantil e/ou um movimento dos estudantes que fosse atuante, seria uma possibilidade maior de organização para lutarem por estes espaços e mais projetos como esses. Ressaltamos os diversos momentos em que percebemos a sala unida, colaborativa e participativa, como por exemplo, durante a realização das olimpíadas da escola em que a sala esteve presente apesar de dias chuvosos e com destaque para sua participação, onde se mostraram unidos durante todas as apresentações e competições. E também em nossos encontros, nos momentos em que todos se ouviam e pontuavam sobre os temas em questão. Finalizamos a devolutiva com a dinâmica “Emboladão”, que propõe uma maior interação entre os participantes e propõe observar a capacidade de improviso, socialização, dinamismo, paciência e liderança dos integrantes do grupo. Formamos um círculo, todos de mãos dadas, e orientamos cada um para observar bem quem estava ao seu lado direito e a seu lado esquerdo. Então soltamos as mãos, e caminhamos livremente pela sala. Depois pedimos que parassem onde estavam e que cada um procurasse, sem sair do lugar, dar a mão novamente a quem estava à sua direita e à sua esquerda sem soltar as mãos, o objetivo é voltar a ter um círculo no centro da sala. Durante a dinâmica todos participaram e agiram de modo a colaborar com a proposta, demonstrando mais uma vez a capacidade de organização e colaboração da turma. Despedimo-nos da turma, agradecendo o espaço que nos cederam e a colaboração para nossa formação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como avaliação final desta intervenção, percebemos a falta de acesso dos estudantes a espaços democráticos em que todos têm voz e vez garantidas. Os alunos demonstraram euforia e prazer em participar de atividades em que poderiam falar e ouvir sobre suas preferências musicais. Porém, em muitos momentos, demonstraram dificuldades para respeitar o coletivo, o que pode revelar a pouca experiência com este tipo de atividade.

Checchia (2010, p. 135) já fez uma reflexão acerca disso em seu trabalho, destacando que os jovens indicavam aspectos institucionais implicados na produção da bagunça, das brigas e falta de interesse nas aulas, destacando a ausência de atividades recreativas (esporte, lazer) na escola, que seriam meios de expressão e extravasamento da energia represada durante as aulas expositivas.

O título atribuído ao 8º ano B por muitos professores, como pior turma da escola, foi incorporado por muitos alunos, assumindo o rótulo “piores alunos da escola”, e manifestando comportamentos que condizem com tais rótulos. Porém, quando convidados a participar revelaram capacidade de colaborar, pensar e participar.

Timidamente foram revelando suas preferências, muito incertos se poderiam, de fato, fazê-lo. Quando solicitado que trouxessem músicas que falam de sua realidade, foi algo inovador. E a todo o momento perguntavam: pode essa música? Há na escola proibições em relação ao tipo de música que ouvem e que gostam, o que impedem que sintam que pertencem a este espaço.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; SOUZA, Marilene Proença Rebello De. Por que aprender isso, professora? Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural. Estudos de Psicologia, p. 169-178, 2014.

CHECCHIA, Ana Karina. Adolescência e Escolarização numa Perspectiva Crítica em Psicologia Escolar. 1. Ed. Campinas: Editora Alínea, 2010.

NAMURA, Maria Regina. "Por que Vygostsky se centra no sentido: uma breve incursão pela história do sentido na psicologia". Psicologia Educacional, 19, 91–117, 2004.

PATTO, Maria Helena Souza. Introdução à Psicologia Escolar. 3. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.